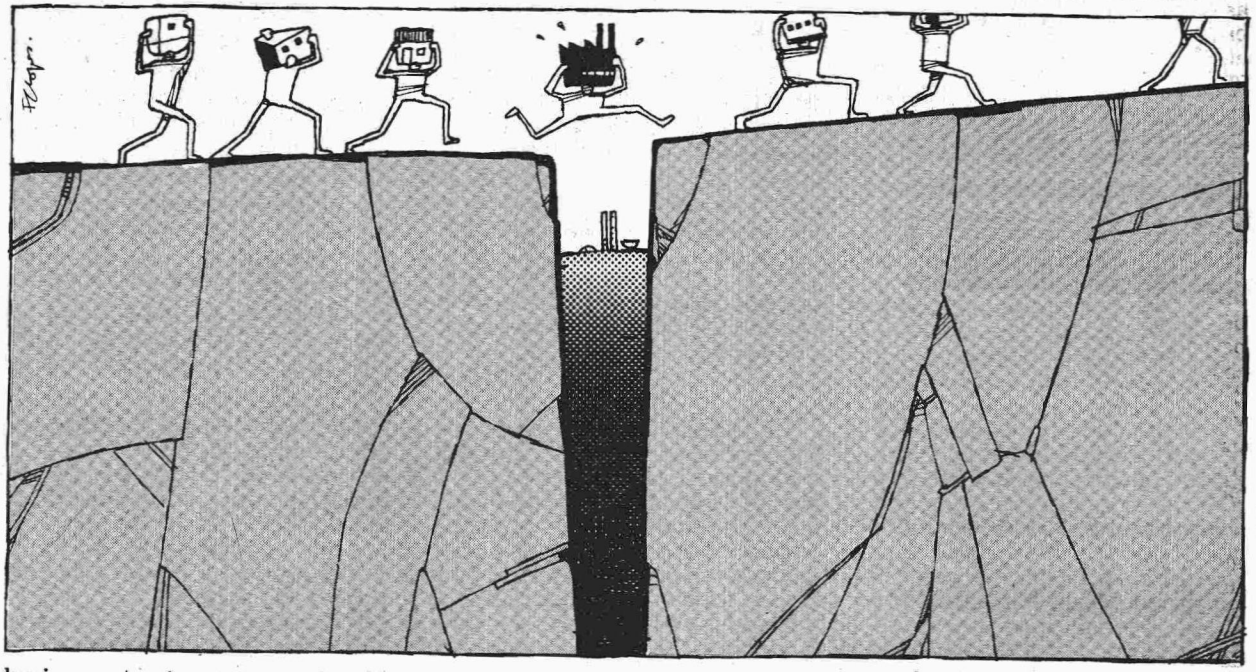
JORNAL DE BRASÍLIA

# Atividade empresarial no DF cresce 13% desde abril

*Hugo Marques*



O número de registros de novas empresas cresceu 13% entre abril e junho deste ano, no Distrito Federal, em comparação com o mesmo período do ano passado. Também neste período pós Plano Collor, o número de falências e concordatas caiu para zero, enquanto no ano passado foram registradas 12 "quebras" de empresas em Brasília. As principais lideranças empresariais da cidade acreditam que a recessão aqui será menor em relação aos grandes centros industriais, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Nos meses de abril, maio e junho de 89, foram constituídas 2056 empresas no DF, enquanto nos mesmos meses deste ano foram constituídas 2340. O mês que apresentou maior crescimento do número de empresas registradas foi maio, com 22,2%. Neste ano de 90, foram registradas somente três falências e concordatas, mas antes do plano econômico do novo Governo. No primeiro semestre de 89, foram registradas 18 falências e concordatas.

### Reflexos

O crescente número de novos registros de empresas, na avaliação do presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), Antônio Fábio Ribeiro, é decorrência da regularização do mercado informal, que ficou quase inviável com a nova legislação. Mas ele acredita que a recessão em Brasília deverá ser mais "branda" que em outras capitais, já que a indústria local é basicamente de produtos de alimentação e vestuário, "que estão bem". Ele acredita que a recessão deverá aprofundar-se mais, principalmente nos grandes centros industriais.

Arquivo

O presidente da Associação Comercial do DF (ACDF), Nuri Andraus Gassani, destaca que a grande participação do comércio na economia local deminui a recessão. O motivo, diz ele, é que existe uma "indexação" salarial no comércio; a remuneração conforme o volume de vendas. A comissão do vendedor, neste caso, é o que "protege o comércio" da recessão, segundo Nuri Andraus. Ele acredita que ainda não tenha começado o período de falências, no País.

### Servidores

É quase consenso entre as lideranças empresariais de que a recessão em Brasília ainda vai depender muito do número de servidores que vierem a ser demitidos. "as demissões no serviço público não vieram do jeito que se comentou", diz Ney Carneiro, presidente do Sindicato do Comércio Varejista do DF. Ele diz que o comércio "sentiu" as primeiras medidas, mas que houve mais "tempestade num copo d'água" que propriamente recessão.

O superintendente do Sindicato da Indústria da Construção (Sinduscon), Laurindo Eing, também acha que tudo vai depender da demissão de servidores. Ele diz que o período atual é de recessão "branda" e que as empresas do setor têm um certo tempo para suportar a recessão. Mas, se depender de demissões no serviço público, dificilmente a recessão em Brasília deverá ser mais profunda. "As demissões, em nível nacional, não ultrapassam 10 mil, pois os servidores afastados continuam recebendo", diz Francisco Zócolli, tesoureiro do Sindicato dos Servidores Públicos Federais (Sindsep).